

Edificando o amor-próprio

Universidade de Sankore - Mali, Idade Média

Quando Gilberto Freyre diz, “Não que no brasileiro subsistam, como no anglo-americano, duas metades inimigas: a branca e a preta; o ex-senhor e o ex-escravo” se apóia, para a assertiva, quanto ao negro americano, no sentimento que bem retratou a relação entre as raças nos EUA o mais destaca intelectual negro do início do século vinte, William Edward Bougart Du Bois³, que sintetizava: *“É sentir sempre a duplicidade – ser americano, ser negro. Duas almas, dois pensamentos, dois embates irreconciliáveis, dois ideais conflitantes, num corpo negro, impedido, apenas por um obstinado esforço, de bipartir-se”*. Quando Du Bois arrematava esse seu pensamento no livro *“As Almas do Povo Negro”*, de 1903, talvez desse formulação teórica para um conflito que ele demonstrava conhecer muito bem – o desafio de ser negro nos Estados Unidos. Punha no papel as misérias porque passara seu povo até então, mas lançando todavia as linhas mestras de uma luta que talvez tenha alcançado a grande vitória, na véspera de sua morte, em 1963, quando milhares de negros acudiram à Washington para a grande marcha pelos direitos civis.

Fruto de pensamento consolidado, muitas vezes; resultado da reunião de idéias dispersas por um líder que despontava, a grande campanha dos afro-americanos para sua valorização pessoal e conseqüente incorporação plena na sociedade *“que o contempla com divertido desprezo e pena”*, pode ter-se iniciado com esse mesmo Du Bois, nessa mesma obra, quando conta a seguinte experiência pessoal: *“Numa acanhada escola de madeira, alguém pôs na cabeça das crianças, meninos e meninas, comprassem belos cartões de visita – dez centavos um pacote – e os trocassem entre si. A troca foi divertida, até que uma menina, alta e recém chegada, recusou receber meu cartão – rejeitou-o, peremptoriamente, com um olhar. Compreendi, instantaneamente, que eu era diferente dos demais;”* E assumiu essa diferença. Concluiu mais tarde um curso superior, numa universidade negra – *Fisk* –, e recebeu o mestrado e o doutorado na mais importante universidade de seu país, Harvard, exatamente no ano em que era abolida a escravidão no

³ - William Edward Burghardt Du Bois (1868-1963), será freqüentemente citado neste trabalho, pois é venerado como uma das mais importantes personalidades intelectuais afro-americanas dos séculos 19 e 20.

Brasil. E mais que tudo, iria se tornar o pai da intelectualidade negra nos EUA – por mais de meio século estaria envolvido com tudo o que social ou culturalmente dizia respeito a seu povo; teria uma longa e profícua vida, 95 anos; ainda, abdicaria de sua cidadania norte-americana, nacionalizando-se, poucos anos antes da morte, ganense. Foi sepultado em Gana, país africano, recém independente, que escolheu, coerente com toda sua pregação, como do descanso de seu corpo.

Ainda no livro *“As Almas do Povo Negro”*, Du Bois parece lançar o desafio maior para a intelectualidade negra do momento e, especialmente, da que viria depois de 1920, quando começava a tomar forma o movimento cultural que recebeu o nome de Renascimento do Harlem. Ele escreve: *“A crescente presunção, silenciosa, nestes tempos, é de que a provação das raças é passado e que as raças atrasadas de hoje são de inquestionável ineficiência e desmerecedoras de salvação. Essa é uma posição de arrogância de povos insolentes face ao Tempo e ignorantes da capacidade do homem. Mil anos atrás, tal assunção, facilmente concebível, teria tornado difícil aos teutões provar seu direito à vida. Dois mil anos antes, esse dogmatismo, prontamente bem-vindo, teria relegado a idéia de raças loiras liderando as civilizações”*.

Assim, havia que ser ensinado nas escolas, faculdades e universidades segregadas, freqüentadas pelos herdeiros dos escravos, que eles não haviam chegado na América de mãos vazias – que traziam, na bagagem transportada em seus corpos desnudos, histórias de civilizações imemoriais, de reinos, reis e rainhas. Mas tinham que provar, sobretudo, que a civilização agora dominante deve seu esplendor às raças escuras. Iniciava-se um trabalho que tinha um objetivo definido: apagar o estigma da senzala, embeber os jovens de amor-próprio, fazendo-os buscar no estudo e nas oportunidades de trabalho que surgissem ou fizessem por surgir, o caminho para um lugar na sociedade que tenazmente os excluía.